

SEM PALAVRAS: O SILÊNCIO DO EX-PRESIDENTE, APÓS A ELEIÇÃO, PELA ÓTICA DA ANÁLISE DE DISCURSO

Fabiana de Oliveira Ribeiro^{ID¹} e Filomena Elaine Paiva Assolini^{ID²}

Resumo

Este é um artigo que busca por meio do referencial teórico da Análise de Discurso de matriz francesa (AD), cujo maior expoente é Michel Pêcheux, fazer um breve estudo tanto do silêncio presidencial que se seguiu após o resultado das eleições em 2022, quanto do discurso de reconhecimento da derrota feito dois dias depois. Tomamos como principal embasamento para tal análise, as considerações feitas pela linguista Eni Orlandi em seu livro *Formas de Silêncio*. Como a AD faz um movimento entre corpus/teoria e vice-versa, procuramos trazer também alguns conceitos dessa ciência para elucidar melhor a linha de raciocínio seguida, ao se fazer as discussões em uma única seção, enquanto tecíamos as análises. Por meio das pistas fornecidas pelo discurso bolsonarista, acreditamos que os bloqueios das rodovias na semana subsequente à eleição e as manifestações que vandalizaram a sede do poder executivo em Brasília em 8 de janeiro de 2023 originaram-se tantos nos discursos proferidos por Bolsonaro, quanto nos seus silêncios, já que estes comunicam.

Palavras-chave: Discurso; Silêncio; Eleições; Manifestações; Política.

NO WORDS: THE SILENCE OF FORMER PRESIDENT, AFTER ELECTION, THROUGH THE PERSPECTIVE OF DISCOURSE ANALYSIS

Abstract

This article employs the theoretical framework of French Discourse Analysis (DA), notably influenced by Michel Pêcheux, to conduct a brief study of the presidential silence following the 2022 election results and the subsequent concession speech delivered two days later. The primary basis for this analysis is drawn from linguist Eni Orlandi's insights as presented in her book 'Forms of Silence'. As Discourse Analysis engages in a reciprocal movement between corpus and theory, we incorporate key concepts from this discipline to enhance the clarity of our argumentation within a single section of discussion and analysis. By examining the silences and speeches of President Bolsonaro, we contend that the disruptions in the week post-election and the subsequent demonstrations, including the vandalism of the executive power headquarters in

¹ Doutoranda em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP). Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação na Escola Estadual Bolívar Boanerges da Silveira na cidade de Alterosa / MG.

² Doutora em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP), com Pós-Doutorado pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da FFCLRP/USP de Ribeirão Preto / SP.



Brasília on January 8, 2023, can be traced back to Bolsonaro's communicative choices. We assert that both his uttered words and strategic silences played a pivotal role in shaping the events that unfolded.

Keywords: Speech; Silence; Elections; Manifestations; Policy.

1. Introdução

Conhecido por seus pronunciamentos polêmicos, falas impróprias e palavreado de baixo calão, o silêncio feito nas mídias (impresas, televisão, redes sociais, rádio) por Jair Messias Bolsonaro, até então presidente da República, durante dois dias, após perder a reeleição, em 30 de outubro de 2022, trouxe estranheza a todos que estavam acostumados com as falas abruptas do ex-presidente.

Frequentemente criticado pelos jornalistas, filósofos, analistas de discurso etc., pelo modo exasperado em lidar com as palavras, durante a campanha para o segundo turno das eleições, o candidato à reeleição foi instruído, pela sua equipe de *marketing*, a medi-las e adotar um estilo mais moderado de comunicação, com vistas a diminuir sua rejeição, inclusive, em uma de suas propagandas eleitorais, chega a desculpar-se por, em suas palavras: “nem sempre usar as palavras certas”. À vista disso, o provérbio chinês “A palavra é prata, o silêncio é ouro” expressa positivamente o valor do silêncio que, assim como na cultura oriental, é bem-vindo na nossa. Porém, sua importância não se restringe a essas duas situações, visto que:

Na Grécia, o silêncio tinha um lugar importante nas sociedades pitagóricas e nos círculos órficos. Pitágoras exigia um ou mesmo três anos de silêncio como forma de iniciação na ordem religiosa. Sócrates refere várias vezes a importância do silêncio como forma de conhecimento e, comparando-o à fala, afirma que o silêncio é bem mais decisivo que aquela. [...] Os místicos, os cristãos, os neoplatônicos, os persas, os hindus, os árabes, os judeus na Idade média fizeram largo uso do silêncio como meio de encontrar Deus.” (Orlandi, 2007, p. 62).

Ainda assim, apesar de valorarmos o silêncio ao longo da história da humanidade, há, também, o outro sentido, talvez mais ocidental, de que o silêncio é falta e incompletude:

Para nosso contexto histórico-social, um homem em silêncio é um homem sem sentido. Então, o homem abre mão do risco da significação, da sua ameaça e se preenche: fala. Atulha o espaço de sons e cria a ideia de silêncio como vazio, como falta. Ao negar sua relação fundamental com o silêncio, ele apaga uma das mediações que lhe são básicas. (Orlandi, 2007, p. 35).

Por isso, temos urgência do dizer no meio da multidão de linguagens a que estamos submetidos no cotidiano. “Ao mesmo tempo, espera-se que se estejam

produzindo signos visíveis (audíveis) o tempo todo. Ilusão de controle...” (ORLANDI, 2007, p. 35).

Entretanto, o silêncio é o significado da fluência e da deriva dos sentidos antepostos à linguagem. “A linguagem é conjunção significante da existência e é produzida pelo homem, para domesticar a significação” (Orlandi, 2007, p. 32). Então, os sentidos fundantes do discurso, primeiramente articulam-se no espaço significativo do silêncio, para depois, serem materializados em palavras (Orlandi, 2007).

Como para a Análise de Discurso Francesa (AD) o conceito de discurso³ tem a ver com “efeito de sentido”, os silêncios são anteriores a esses efeitos, gerando múltiplos outros sentidos. A linguista Eni Orlandi em seu famoso estudo, “As formas do silêncio” afirma-nos que “O silêncio não é diretamente observável e, no entanto, ele não é vazio. Mesmo do ponto de vista da percepção: nós o sentimos, ele está lá (no sorriso da Gioconda, no amarelo de Van Gogh, nas grandes extensões, nas pausas)” (Orlandi, 2007, p. 45) e nós podemos observá-lo por seus efeitos (retóricos, políticos) e pelos muitos modos de construção da significação (Orlandi, 2007, p. 46).

Embora estejamos acostumados, a grosso modo, a encarar o silêncio como uma falta, não é assim que a Análise de Discurso de matriz francesa vai categorizá-lo, pois “Dizer e silenciar andam juntos.” (Orlandi, 2007, p. 53)

Assim, intrincaremos, neste artigo, três vertentes: o discurso feito por Bolsonaro, as considerações que os especialistas em AD fazem sobre o discurso e as análises possíveis por meio dos indícios presentes nas formações discursivas que acompanham o ex-presidente.

2. Referencial teórico

Pêcheux, o principal nome da AD, afirma que “[...] os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeito de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes correspondem” (1990, p. 146). Estas se materializam no acontecimento discursivo que, segundo Pêcheux (1997), é o ponto de encontro entre a atualidade e a memória discursiva, que é a história dos sentidos.

Já as formações ideológicas “constituem um conjunto complexo de atividades e representações, que não são nem individuais, nem universais, mas se portam mais ou menos diretamente às posições de classe, em conflito umas com as outras. As formações discursivas, segundo Pêcheux são: “[...] aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (1990, p. 160).

³ O discurso é, também, o objeto histórico-ideológico, produzido socialmente através de sua materialidade específica, que é a língua. É uma prática social cuja regularidade só pode ser apreendida a partir da análise dos processos de sua produção (LEANDRO FERREIRA, 2001, p. 14).

Amparados nos postulados teórico-metodológicos pensados pela análise de discurso teorizada por Michel Pêcheux, a partir dos anos sessenta, a Análise de Discurso de linha francesa (AD), é a teoria da linguagem que contata os fatores sócio-históricos e ideológicos e versa sobre os processos de significação, dos mecanismos imaginários, considerando os fragmentos, o disperso, o incompleto (Assolini; Tfouni, 1999) e os indícios, para a reflexão discursiva.

No contexto da AD os dados são entendidos como elementos indiciários de um modo de funcionamento discursivo (Ginzburg, 1980), sendo as marcas linguísticas que se sobressaem e configuram as pistas vistas como indício que se coloca para interpretação, permitindo explicar o funcionamento do discurso.

Formulada epistemologicamente “Nos anos 60, a Análise de Discurso se constituiu no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a linguística, o Marxismo e a Psicanálise.” (Orlandi, 1999, p. 19), pois o homem enquanto ser simbólico e histórico, “está condenado a significar” (Orlandi, 1996, p. 38).

Desde então, o político, o histórico, o ideológico, o social e o linguístico passam a ter atenção nos discursos - “[...] efeito de sentidos entre interlocutores” (Pêcheux, 2010) -, sinônimo de produção historicizada, com as condições de produção valorizadas no sentido amplo, ou sócio-histórico: as filiações históricas; qual o interdiscurso⁴ está filiado; que aspectos materiais da língua estão indiciando um modo ou outro de funcionamento discursivo e um, possível, direcionamento dos sentidos para alguns lugares, na tentativa de compreender a relação entre o real da língua e real da história, as duas ordens que constituem, em seu conjunto e funcionamento a ordem do discurso (ASSOLINI; TFOUNI, 1999).

Como o sujeito tem necessidade de atribuir sentidos, Orlandi (1999, p. 26), vai nos mostrar que a AD busca compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos e para isso analisa os gestos de interpretação, considerados como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido, porém condicionados à ideologia (Tfouni; Assolini, 2012), e esta, por sua vez, é entendida como uma resignificação a partir da linguagem. A ideologia é condição para a constituição do sujeito e “produz evidências, colocando o homem em relação imaginária com suas condições materiais de existência” (Orlandi, 1999, p. 45). “Essa é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados” (p. 47).

Assim, é preciso a intervenção da história, com o seu equívoco, opacidade e material signifiante para que a língua faça sentido regulando a interpretação, não como mero gesto de decodificação, de apreensão de sentido, mas

⁴ Definido por Orlandi (1999, p. 31), como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Em Bakhtin, a palavra alheia presente na constituição da ideologia, da subjetividade, do discurso literário e do funcionamento social da linguagem, em geral. Na palavra alheia está presente, sem dúvida alguma, a ideia do outro (BUBNOVA, 2013, p. 17).

“garantida” pelo arquivo (memória institucional) e interdiscurso (efeitos de memória).

Nesse sentido, ao invés de aleatória, a interpretação é obediente a um referencial que inscreve sujeitos e enunciados constituindo a memória do dizer em “[...] um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (Pêcheux, 1983, p. 267). Contudo, com liberdade, dentro do referencial, para movermo-nos por vários lugares de interpretação e posicionarmos como um sujeito que não só produz, mas atribui sentidos que vão sendo construídos pela sociedade e com o desenrolar da história.

3. Metodologia

Definimos o corpus deste trabalho como o pronunciamento feito por Bolsonaro em “reconhecimento pela derrota nas eleições” crendo que o discurso é a intersecção dos processos ideológicos, dos fenômenos linguísticos e de onde emergem as significações.

Cientes de que “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro” (Orlandi, 1999, p. 62), os dados são tratados, aqui, como fatos da linguagem, com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva, sendo impossível zerar a linguagem, já que ela é sempre incompleta, deixa brechas, frestas e está aberto a outros gestos interpretativos.

Orlandi (1999) ainda nos lembra que, atualmente, a melhor maneira de constituir o corpus é pela construção de montagens discursivas que obedeçam a critérios advindos dos princípios teóricos da AD. Delinear o recorte, que é “uma unidade discursiva; fragmento correlacionado de linguagem e situação” (Orlandi, 1987, p. 139), retomar conceitos e noções, em um ir e vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise com os objetivos em consonância com o método e os procedimentos, mostrarão como funciona um discurso e sua produção de sentidos.

Embora não haja um modelo pronto de análise, pois ao invés de técnica ela é um referencial teórico e cada corpus é único, a leitura e interpretação serão sempre singulares. Podemos falar que a análise passa por três etapas, na qual a primeira, procura os efeitos de sentido por meio de paráfrases, metáforas. A partir daí, o analista busca a passagem da superfície linguística do discurso para a localização do objeto discursivo, que é a segunda fase. Ao escanear o discurso como formação discursiva, na terceira, então, o objeto passa a ser processo discursivo e visto como formação ideológica. Pois, como defendem linguistas de renome como Bakhtin, “um enunciado absolutamente neutro é impossível” (Bakhtin, p. 308), bem como o arquivo do analista que o influencia ideologicamente. Assim, nossas análises seguirão esse percurso, ainda que em alguns momentos as etapas confundam-se e não sigam à risca a ordem aqui descrita, já que a AD dá liberdade para isso.

4. Resultados e discussões

O discurso feito por Bolsonaro foi considerado curto pelos veículos de imprensa que o transmitiram, mesmo vindo com certo atraso, dois dias após o resultado das urnas. Foi lido em torno de dois minutos e não permitiu espaço para improvisos, como lemos:

Quero começar agradecendo os 58 milhões de brasileiros que votaram em mim no último dia 30 de outubro. Os atuais movimentos populares são fruto de indignação e sentimento de injustiça de como se deu o processo eleitoral.

As manifestações pacíficas sempre serão bem-vindas, mas os nossos métodos não podem ser os da esquerda, que sempre prejudicaram a população, como invasão de propriedades, destruição de patrimônio e cerceamento do direito de ir e vir.

A direita surgiu de verdade em nosso país. Nossa robusta representação no Congresso mostra a força dos nossos valores: Deus, pátria, família e liberdade.

Formamos diversas lideranças pelo Brasil. Nossos sonhos seguem mais vivos do que nunca. Somos pela ordem e pelo progresso. Mesmo enfrentando todo o sistema, superamos uma pandemia e as consequências de uma guerra.

Sempre fui rotulado como antidemocrático e, ao contrário dos meus acusadores, sempre joguei dentro das quatro linhas da Constituição. Nunca falei em controlar ou censurar a mídia e as redes sociais.

Enquanto presidente da República e cidadão, continuarei cumprindo todos os mandamentos da nossa Constituição.

É uma honra ser o líder de milhões de brasileiros que, como eu, defendem a liberdade econômica, a liberdade religiosa, a liberdade de opinião, a honestidade e as cores verde-amarela da nossa bandeira.

Muito obrigado." (BBC News Brasil, 2022, *online*).

É bom lembrarmos que o silêncio tem suas formas, é fundador e constitutivo do discurso e da linguagem, como defende Orlandi (2007). Quanto menos a ciência está presente, mais silêncio há, ou seja, do mundo dos mitos às explicações científicas, há uma progressão histórica do silêncio, uma vez que o processo de significação das coisas do mundo, realizado pelo ser humano dá-se por meio da linguagem, a qual passa por processos socialmente interativos e vão-se constituindo por meio da evolução dos sentidos dos campos do saber. A esse tipo de silêncio, Orlandi deu o nome de fundante, pois é o real da significação e do discurso, não é pensado como falta, mas a linguagem que é pensada como excesso, pois o silêncio comunica.

Diante disso, chamemos de silêncio, o ato de Bolsonaro em demorar dois dias para pronunciar-se sobre a perda das eleições, algo inédito na história política brasileira, que foi interpretado por muitos de seus apoiadores como a deixa para o "povo" agir, no lugar de seu líder. Por meio de protestos, organizados sem uma liderança aparente, que pudesse responder de forma legal

pelos bloqueios das rodovias, os “bolsonaristas” clamavam por uma “intervenção federal” feita pelas forças armadas, pela prisão dos ministros do Superior Tribunal Federal (STF) e políticos que discordassem da tomada do poder, sem atribuir ao ex-presidente, a imagem de ditador.

Com um histórico de declarações apoiando um golpe de Estado, o silêncio inesperado feito pelo ex-presidente foi o *start* para o início das interrupções nas estradas. Por meio da comunicação nos grupos do *Whatsapp* e *Telegram*, os bolsonaristas organizaram-se e partiram para a ação, proporcionando um apagamento da divisão fundamental do sujeito. Como defende a Análise de Discurso (AD), o sujeito é visto como centro imaginário e ideológico, porém os apoiadores do então presidente agiam como grupo e em nome do Brasil (em sua visão/ideologia), apropriando-se de símbolos nacionais, como a bandeira, o Hino Nacional, a camisa amarela da seleção brasileira de futebol. Tal fato mostra-nos como o silêncio fundador movimenta os sentidos na relação da língua com a ideologia, na totalidade histórica. É assim que são produzidas todas as espécies de conhecimentos, mas também de crenças. O não-dito precede o dito, havendo silêncio pode existir algum dizer (Tfouni, 2013, p. 54) e nesse caso existia.

Além disso, um outro tipo de silêncio cunhado por Orlandi (2007), é o constitutivo, indicador de que, para dizer, é preciso não-dizer e que é a inserção dos sujeitos discursivos nas formações discursivas, historicamente determinadas, dão sentidos ao dizer, ou seja, o dizer e o silenciamento são inseparáveis. Sendo assim, embora não tenha utilizado palavras para motivar os protestos, o silenciamento assim o fez, devido à atuação da memória discursiva, que são as

[...] possibilidades de dizeres que se atualizam no momento da enunciação, como efeito de um esquecimento correspondente a um processo de deslocamento da memória como virtualidade de significações. A memória discursiva faz parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos. [...] Há uma memória inerente à linguagem e os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que, em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico. (Ferreira, 2001, p. 20)

De tal modo, quanto mais demorava a declaração de reconhecimento da derrota nas urnas, de Bolsonaro (ato tradicionalmente realizado na democracia), mais crescia o caos nas rodovias. Quando, finalmente, o silêncio foi quebrado, o tão esperado pronunciamento veio, mais de 44 horas após o resultado das urnas, porém foi, surpreendentemente, curto e sem ênfase no pedido de desobstrução das estradas e que acabou conferindo sentido de estímulo às ações manifestantes, não de repreensão.

Ao iniciar o discurso, Bolsonaro não demorou a falar sobre os protestos que fecharam as estradas brasileiras. Logo após ter agradecido os votos recebidos, já entrou no tema:

Os atuais movimentos populares são fruto de indignação e sentimento de injustiça de como se deu o processo eleitoral. As manifestações pacíficas sempre serão bem-vindas, mas os nossos métodos não podem ser os da esquerda, que sempre prejudicaram a população, como invasão de propriedades, destruição de patrimônio e cerceamento do direito de ir e vir. (BBC News Brasil, 2022, *online*).

O fato de conferir aos movimentos manifestantes, do período pós-eleitoral, um reflexo por indignação, Bolsonaro justifica, legitima-os, ainda que fossem ilegais e reforça a ideia ao afirmar que o resultado das eleições fora injusto, o que alivia a gravidade dos fatos, pois eram, apenas, uma tentativa de consertar um erro ou reestabelecer a justiça: “movimentos populares são fruto de indignação e sentimento de injustiça de como se deu o processo eleitoral” (BBC News Brasil, 2022, *online*).

Na realidade, as manifestações nas ruas, traziam uma vantagem: ajudavam a preservar vivas as ideias do próprio Bolsonaro de que, se ele perdesse as eleições, significava que o processo eleitoral era ilegítimo e conspiratório. “O interdito seria como um operador que incide sobre o silêncio real, sobre a plenitude de sentidos do silêncio permitindo que parte dessa matéria significativa se transforme em linguagem com a condição de que uma porção desses sentidos permaneça sempre em silêncio” (Tfouni, 2013, p. 40).

Embora parecesse enfático ao dizer que não apoiava a obstrução das estradas a exploração da polissemia⁵, como estratégia da linguagem permitiu que a afirmação fosse acolhida de diversas formas e resultasse em discursos como a do Sindicato dos Caminhoneiros (Sindicam), uma das lideranças dos movimentos, minutos após Bolsonaro quebrar o silêncio:

“Ele foi enfático em dizer que não apoia obstrução, mas eu não escutei ele dizer em nenhum momento ‘caminhoneiros, saiam das rodovias’. Eu não escutei em momento nenhum ele dizer, claramente, ‘caminhoneiros, abandonem seu posto’, população, muito obrigado, voltem para suas casas’. Então peço a todos vocês que continuem, que se fortaleçam” (Estado de Minas, 2022).

Assim comprovamos que “O silêncio não é mero complemento de linguagem. Ele tem significância própria” (Orlandi, 2007, p. 23), enquanto “a linguagem estabiliza o movimento dos sentidos” (Orlandi, 2007, p. 29).

Interessante lembrar, também, que a reprovação das obstruções das vias, aconteceu mediante à crítica aos ‘métodos de esquerda’, redirecionando a

⁵ “Processo de linguagem que garante a criatividade na língua pela intervenção do diferente no processo de produção da linguagem, permitindo o deslocamento das regras e fazendo resultar em movimentos que afetam o sujeito e os sentidos na relação com a história e a língua (Orlandi, 1999). Essa possibilidade do novo criada pela polissemia é a própria razão de existência da linguagem, já que a necessidade do dizer é fruto da multiplicidade dos sentidos. São os processos polissêmicos que garantem que um mesmo objeto simbólico passe por diferentes processos de re-significação” (FERREIRA, 2001, p. 21).

admoestação para o adversário e desviando do tema, o que permitiu o efeito de sentido⁶ de um aceno de aprovação a continuidade dos atos, que prosseguiram.

Orlandi (2007) afirma que o silêncio é o espaço diferencial da linguagem e que a permite significar. É a linguagem que cria tanto o discurso quanto o silêncio. Conforme Orlandi diz: "A hipótese de que partimos é que o silêncio é a condição da produção de sentido. Assim, ele aparece como o espaço 'diferencial' da significação: lugar que permite à linguagem significar" (Orlandi, 2007, p. 68).

"para que a linguagem diga algo, para que se instaurem sentidos linguisticamente, é preciso considerar que a linguagem necessita de um lugar "outro". Esse lugar "outro" ou "diferente" é o silêncio, que, por sua vez, é indistinto. Para que a linguagem signifique, ela precisa atualizar sentidos desse silêncio e, ao mesmo tempo, recusar alguns sentidos. É assim que lemos a definição do silêncio como espaço diferencial da linguagem." (Tfouni, 2013, p. 40).

Diante disso, conjecturamos duas situações, em relação ao discurso pós derrota feito pelo ex-presidente:

1- Pode ter havido a ilusão narcísica⁷ de domínio discursivo por parte do sujeito, ao pedir o fim das manifestações contra a eleição, acreditando ter sido claro o suficiente, sem reconhecer que a linguagem, na verdade, é turva e faltante, "O sujeito pode desejar que o dizer seja completo, para que ele mesmo seja completo, apresentando em seu dizer uma negação imaginária da completude" (Tfouni, 2013, p. 50). O sujeito imerso nos esquecimentos números 1 e 2⁸ imagina que ele pode dizer exatamente o que pensa, e não percebe que isso é uma ilusão. Se fosse possível dizer tudo, se existisse um enunciado completo, que dissesse tudo, esse enunciado seria a morte da linguagem (Tfouni, 2013, p. 53), pois "O dizer é sempre faltante, é sempre meio-dito, dito no meio, dito pela metade: inter-dito" (Tfouni, 2013, p. 40).

2- Pode ser, ainda, que a intenção ideológica foi, apenas dizer o que era esperado (legal e tradicionalmente) de um presidente, mas sem que ele realmente desejasse dizer. Por isso a falta de ênfase. De acordo com Orlandi (2007), a palavra também pode aparecer como movimento em torno do silêncio, o qual descentraliza o verbal. O silêncio constitutivo trabalha com a noção de apagamento em uma dada situação, representando "um efeito de discurso que

⁶ "Diferentes sentidos possíveis que um mesmo enunciado pode assumir de acordo com a formação discursiva na qual é (re)produzido. Esses sentidos são todos igualmente evidentes por um efeito ideológico que provoca no gesto de interpretação a ilusão de que um enunciado quer dizer o que realmente diz (sentido literal)" (FERREIRA, 2001, p. 13).

⁷ Referência à psicanálise. Sentimento de onipotência do ego quando vive a experiência mítica de completude e perfeição.

⁸ O esquecimento nº 1 é a ilusão de que o sujeito é origem de seu dizer, desconsiderando o primado do interdiscurso sobre o intradiscurso, isto é, o primado dos outros dizeres que perpassam o eixo da formulação de um enunciado.

Por outro lado, o esquecimento nº 2 ocorre quando o sujeito apoia-se na aparência de que o que ele diz só pode ser dito de uma forma, ou seja, de que a linguagem é transparente, havendo uma equivalência unívoca entre forma e sentido (SANTOS, 2019).

instala o antiimplícito: se diz 'x' para não (deixar) dizer 'y', este sendo o sentido a se descartar do dito" (Orlandi, 2007, p. 73). Como na AD o sentido faz-se em todas as direções e não em linha reta apenas, quanto mais falta, mais possibilidades de sentidos existe. Por isso, há margem para uma possível interpretação⁹ nossa de que o período de silenciamento de Bolsonaro, também possa ter sido uma estratégia de ganho de tempo para buscar aliados e consultar as Forças Armadas sobre um possível apoio a um golpe de Estado. Aliados e apoio que não vieram.

Sem o apoio daqueles a quem, durante todo o mandato, foi imputada uma parceria, por parte do ex-Presidente, é hora de um novo silêncio: a censura, fato normal nos movimentos polissêmicos da linguagem, assim como sua recusa. O fato de Bolsonaro não reconhecer a vitória do candidato oponente, como manda a tradição política e o atraso em seu pronunciamento oficial, feito quase 44 horas após a apuração dos votos, possibilita o efeito de sentido de um não reconhecimento pessoal, o que por si só, torna difícil tal verbalização. Nesse caso, a censura leva a um processo de produção de sentidos silenciados, que atua na cisão entre o não-dizer e o dizer, impedindo o sujeito de trabalhar o movimento de sua identidade e de elaborar sua história de sentidos. Outro efeito de sentido, também, que justifica o não reconhecimento público da vitória do oponente, é não querer deixar registrada, uma prova do reconhecimento da derrota, para continuar lutando por uma mudança no resultado das eleições, como expressavam os gritos de ordem dos manifestantes.

Além disso, "Há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar, mas de fazer dizer 'uma' coisa, para não deixar dizer 'outras'. Ou seja, o silêncio recorta o dizer: essa é sua dimensão política" (Orlandi, 2007, p. 53). Assim, ao dizer "Os atuais movimentos populares são fruto de indignação e sentimento de injustiça de como se deu o processo eleitoral" (BBC News Brasil, 2022, online). Bolsonaro continuava, também e ainda, alimentando seus discursos polêmicos anteriores nos quais afirmava (durante a campanha) que as eleições seriam uma fraude, caso ele fosse derrotado. Nestes discursos o candidato colocava em dúvida os estudos sobre a funcionalidade das urnas eletrônicas, o processo de inspeção das mesmas e o Tribunal Superior Eleitoral. Embora questionasse, publicamente e com certa regularidade, a precisão das urnas eletrônicas, Bolsonaro não contestou sua vitória em 2018, assinalada pelas mesmas urnas, nem a eleição da sua "robusta representação no Congresso" e *formação das* "diversas lideranças pelo Brasil" em 2022, como ele mesmo afirmou.

É no processo discursivo que sentido e sujeito vão se constituindo ao mesmo tempo, a ausência do apoio militar, inscreveu Bolsonaro numa formação

⁹ "Gesto de leitura de um fato, presente em toda manifestação da linguagem, através do qual a significação é produzida [...] é uma injunção [...] A interpretação sempre pode ser outra, mas o movimento interpretativo não é um movimento caótico, não regido. As condições de produção e a própria possibilidade de abertura impõem determinações, limites a esse movimento, o que significa dizer que a interpretação pode ser múltipla, mas não qualquer uma." (FERREIRA, 2001, p. 19).



discursiva¹⁰ que afeta sua identidade como sujeito do discurso¹¹, exigindo a mudança de discurso que naturalmente muda o sentido das palavras. O sujeito, como produto de relações sociais, não é livre de coerções. Na censura não se diz o que poderia ser dito, há a asfixia do sujeito. Enquanto os apoiadores bolsonaristas esperavam um pronunciamento mais reacionário, até um suspense instaurou-se na sociedade diante das possíveis consequências, caso ele acontecesse. Entretanto, veio a fala aparentemente branda, afirmando submissão à Constituição Federal, para satisfazer as expectativas políticas do momento, que era coibir a possibilidade de quaisquer atos violentos, mas não suficientes para inibir os planos dos manifestantes, ainda obedientes aos outros sentidos do discurso do silêncio. A isso, Orlandi (2007), dá o nome de resistência, que é o jogar com as palavras do contexto hegemônico para (re) significá-las. Semelhantemente, é o que acontece quando ele se defende da crítica de autoritarismo:

"Sempre fui rotulado como antidemocrático e, ao contrário dos meus acusadores, sempre joguei dentro das quatro linhas da Constituição. Nunca falei em controlar ou censurar a mídia e as redes sociais. Enquanto presidente da República e cidadão, continuarei cumprindo todos os mandamentos da nossa Constituição." (BBC News Brasil, 2022, *online*).

Novamente o ataque aos adversários, parece imitar o senso popular de que "o ataque é a melhor defesa": seus acusadores não respeitariam a Constituição. Enquanto a ele, ainda que fosse comum pronunciar-se a favor de golpes militares, ditadura, como fez meses antes ao dizer, numa cerimônia, que sem o governo militar em 1964, o Brasil não seria nada, ou apenas uma "republiqueta" ou, ainda, contra o processo eleitoral (quando este era desfavorável a si e seus aliados) considera-se democrático, apesar do "rótulo imerecido" que recebeu e que, inconscientemente sua própria fala entrega: desde "sempre". Não se trata de fatos isolados, mas em sua trajetória de vida e na política, muitas vezes, Bolsonaro fora percebido como antidemocrático, o próprio reconhecia isso, por isso o uso da palavra "sempre".

No trecho: "falado em controlar a mídia e as redes sociais" (que seria o silêncio fundador), está implícita a ideologia de que tudo pode ser dito em nome da liberdade de expressão, mesmo que não seja a verdade. Aliás, prova disso está na propagação de *fake news* que tanto impulsionaram sua primeira campanha à presidência (como também ocorreu com a eleição, dois anos antes, de Donald Trump, de quem era admirador). Além de que, o próprio, auxiliou na disseminação da desinformação que servia a seus propósitos, como no caso da

¹⁰ "Manifestação, no discurso, de uma determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica. A FD é a matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito (COURTINE, 1994) funcionando como lugar de articulação entre língua e discurso (Ferreira, 2001, p. 15).

¹¹ Para a AD, o sujeito do discurso não é autor desse discurso, mas alimenta o equívoco de sê-lo. O sujeito fala atravessado pelo discurso do Outro/Sujeito. A linguagem está nesse campo do Outro/Sujeito, considerada como algo do sempre-já-lá, precedente ao sujeito e não inerente à natureza humana, externa a todo sujeito falante (Gadet; Hak, 1997).

resistência às vacinas contra a Covid. Não podemos deixar de lado, ainda, que o combate às *fake news* era chamada por ele de censura e um desrespeito ao direito de opinião...

O silêncio fundador produz um estado significativo para que o sujeito se inscreva no processo de significação fazendo significar por outros jogos de linguagem, o que lhe foi proibido. Ele atua no não-fechamento, criando espaços para o deslocamento do sujeito e do sentido como a literalidade. No intradiscurso¹² o sujeito intervém no interdiscurso¹³ e pode operar mudanças pelo movimento dos sentidos.

Enquanto para Orlandi (2007) o silêncio é a possibilidade de flutuação dos sentidos, para Tfouni (2013, p. 41) essa "flutuação só seria possível a partir de um operador: a interdição ou o interdito. Esta operação seria o corte do interdito, que impede o dizer completo e que permite, por isso mesmo, a existência de algum dizer".

A criação de regiões de sentidos é função do discurso e, em última análise, é o discurso que servirá de suporte e determinação de identidade tanto para o sujeito discursivo quanto para a sociedade onde ele é produzido.

De tal forma, uma boa parcela da sociedade parece ser alinhada à identidade discursiva de Bolsonaro, pois como ele afirma em seu dizer:

"A direita surgiu de verdade em nosso país. Nossa robusta representação no Congresso mostra a força dos nossos valores: Deus, pátria, família e liberdade. Formamos diversas lideranças pelo Brasil. Nossos sonhos seguem mais vivos do que nunca. Somos pela ordem e pelo progresso. Mesmo enfrentando todo o sistema, superamos uma pandemia e as consequências de uma guerra." (BBC News Brasil, 2022, *online*).

A eleição da robusta representatividade de parlamentares identificados ao campo político da direita no Congresso, demonstra como esses valores estão presentes, sob palavras de efeito como ordem e progresso, Deus, pátria, família que seduzem aqueles que fazem uma análise apenas superficial dos discursos. Além do discurso fascista (defesa dos valores do espectro político conservador da extrema direita), o discurso religioso também é explorado, como podemos notar no uso das palavras "Deus, família, mandamentos" sendo um tipo de discurso mais acessível, mas não menos inocente, principalmente quando empregado com intenções insinceras, ou associado, especialmente ao fascismo.

¹² "Ao pensarmos o discurso como uma teia a ser tecida podemos dizer que o intradiscurso é o 'fio do discurso' de um sujeito; a rigor, é um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma vez que incorpora, no eixo sintagmático (linear), a relação de possibilidades de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições), como se esses elementos, assim encadeados entre si, tivessem um sentido evidente, literal (Ferreira, 2001, p. 19)

¹³ "Compreende o conjunto das formações discursivas e se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a re-significação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva. O interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como puro 'já-dito'. (Ferreira, 2001, p. 18)

A conjuração do termo “mandamento” ao termo “Constituição”: “continuarei cumprindo todos os mandamentos da nossa Constituição” (BBC News Brasil, 2022, *online*). forma uma construção sintática que nos permite identificar o quão (ainda que inconscientemente), é acentuado o valor do nacionalismo, expresso pelo símbolo Constituição, até atribuindo a este uma certa analogia à religião. Alguns poderiam considerar tal fato positivo, mas se trouxermos à baila os valores religiosos cristãos, dos quais derivam as palavras mandamentos e Deus¹⁴ (neste contexto de produção e usado em outro trecho do discurso), encontraríamos uma contradição: o texto sagrado dos cristãos, a Bíblia, defende que somente Deus (Iavé) deve ser alvo da religiosidade, como podemos verificar, por exemplo nos mandamentos de número um e dois da religião cristã:

Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos. (Êxodo 20: 3-6, versão revista e atualizada)

O que desejamos mostrar é que, por meio da correspondência, inconsciente, entre Constituição e religião (por meio da palavra mandamento), Bolsonaro contradiz a própria ideologia da crença que diz estar inscrito: “não se pode servir a dois senhores” (Mateus 6: 24). Para os cristãos é recomendado fidelidade, aos preceitos bíblicos, sendo um deles a desaprovação a qualquer culto que não seja exclusivo a Deus, o que coloca a devoção à Constituição ou qualquer outro símbolo, ainda que sejam respeitáveis, como um “pecado”. Este indício aponta que Bolsonaro não parece ter muito conhecimento dos valores que se diz afiliado e, indo mais longe, permite ao analista de discurso questionar se tal filiação pudesse ser, somente, uma estratégia demagógica, não realidade de vida. Tal suposição é possível à luz da AD, que não acredita que as palavras sejam usadas de forma inocente, mas que elas sempre denunciam algo. Assim como para a psicanálise e seus estudos sobre o inconsciente, que nos permitem compreender que toda expressão humana é carregada de verdade, mesmo que o próprio sujeito enunciador nem tenha consciência disso.

Nem consciência que não há discurso sem ideologia: “A ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história” (Orlandi, 2007, p. 20), então “sujeito e sentido constituem-se mutuamente no jogo das múltiplas formações discursivas¹⁵” (Orlandi, 2007, p. 20), que mostram que não há coincidência entre a ordem do

¹⁴ Deus aqui visto na perspectiva cristã, cujo livro sagrado é a Bíblia.

¹⁵ As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. (ORLANDI, 2007, p. 20).



discurso e a ordem das coisas. Assim, a relação contraditória da materialidade da língua e da história se manifestam nos diferentes efeitos de sentidos interpretados pelos sujeitos (Orlandi, 2007, p. 21) é nas relações entre as diferentes formações discursivas e diferentes sentidos que surgem o equívoco, o sem-sentido, o sentido “outro” e o investimento em “um” sentido (Orlandi, 2007, p. 22). É aí que se produz a polissemia que impede o fechamento da interpretação. Assim como os discursos são produzidos por meio de uma memória discursiva, conforme falamos anteriormente, a análise também surge da mesma forma. O que trouxemos aqui são gestos de análise, que continuarão flexíveis, abertos a outros gestos, pois a linguagem é opaca e tanto discurso quanto análise estão em processo de mutação junto com a sociedade e história.

5. Considerações finais

Os discursos nunca têm uma conclusão final, muito menos fechada, eles estão em constante pulsação no ato comunicativo, pois “O homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à ‘interpretação’: tudo tem de fazer sentido (qualquer que seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico” (Orlandi, 2007, p. 30) e esta relação é tão dinâmica quanto à língua.

Fizemos uma jornada pelo discurso proferido pelo ex-presidente Bolsonaro por ocasião de sua derrota nas urnas em 2022, conciliando os silêncios e silenciamentos que permearam boa parte de sua trajetória discursiva, com a finalidade de refletirmos sobre o funcionamento dos discursos adotados por ele, por meio do interdiscurso e intradiscurso.

Fazemos algumas inferências como a de que “o silêncio não é transparente e ele atua na passagem (des-vão) entre pensamento-palavra-e-coisa” (Orlandi, 2007, p. 37), pois mesmo que: “o silêncio não fala, ele significa” (Orlandi, 2007, p. 42). “Diríamos que o silêncio não é interpretável, mas compreensível” e “compreender o silêncio não é, pois, atribuir-lhe um sentido metafórico em sua relação com o dizer (‘traduzir’ o silêncio em palavras), mas conhecer os processos de significação que ele põe em jogo. Conhecer os seus modos de significar.” (Orlandi, 2007, p. 50)

Como a linguagem serve para comunicar e para não comunicar (Pêcheux, (1997), “[...] a parte voltada ao silêncio é, sempre, em qualquer conjuntura histórico-social, mais importante do que o que se diz.” (Orlandi, 2017, p. 10), por isso precisamos atentar a tudo que ele enuncia, como no caso dos dias sem linguagem verbal que antecederam a tão esperada declaração de um agente público que ocupava o cargo máximo da democracia brasileira e todas as pistas e indícios que esse discurso nos informa e como se relacionam a outros discursos presentes no cenário político do nosso país. Quando se trata do silêncio, nós não temos marcas formais, mas pistas, traços” (Orlandi, 2007, p. 46) que tem seus modos próprios de significar, sem dependência do dizer, pois seu sentido não deriva das palavras. (Orlandi, 2007, p. 67) “O silêncio não se reduz a ausência das palavras”.

REFERÊNCIAS

ASSOLINI, Filomena Elaine Paiva; TFOUNI, Leda Verdiani. Os (des)caminhos da alfabetização, do letramento e da leitura. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 17, p. 25-34, dez. 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1995 [1929].

BBC NEWS. **Em discurso, Bolsonaro não menciona derrota para Lula, mas diz que cumpre Constituição**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63464255>. Acesso em: 15 dez. 2023.

BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara/ex/20>. Acesso em: 15 dez. 2023.

BUBNOVA, Tatiana. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. **Conexão Letras**. v. 8, n. 10, p. 9-18, 2013.

ESTADO DE MINAS. Análise: **Discurso dúbio de Bolsonaro permite diferentes interpretações**. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/01/interna_politica,1416079/analise-discurso-dubio-de-bolsonaro-permite-diferentes-interpretacoes.shtml#google_vignette. Acesso em: 15 dez. 2023.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Coord.). **Glossário de termos do discurso**: projeto de pesquisa: A aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001) / Orientadora: Maria Cristina Leandro Ferreira; Bolsista de Iniciação Científica Ana Boff de Godoy. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2001.

GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma Análise automática do Discurso**: uma introdução à obra de Pêcheux. Tradução Bethânia S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. [Trad. Frederico Carottti]. São Paulo: Companhia de Letras, 1980.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Alarido e silêncio. **Revista linguagem**, v. 3, p. 6-17, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Pontes, 1987.



ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. – 6ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, Michel. A análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997[1969]. p. 39-60. (Coleção Repertórios).

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Lés Vérités de La Palice**. Paris: Maspero, 1975.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **Gestos de leitura**. Tradução: José Horta Nunes. 3ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 49-59.

SANTOS, Kátia Roseane Cortez. Sujeito e Subjetividade na Análise de Discurso Pecheutiana. **Porto das Letras**, v. 5, n. 2, p. 90-108, 2019.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani. Interdito e silêncio: análise de alguns enunciados. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 39-56, 2013.

TFOUNI, Leda Verdiani; ASSOLINI, Filomena Elaine Paiva. Interpretação, autoria e prática pedagógica escolar. **Revista Odisseia**, n. 1, 28, p. 1-16, jun. 2012.

Recebido em: 08 de outubro de 2023.
Aceito em: 16 de dezembro de 2023.
Publicado em: 03 de janeiro de 2024.